CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONHECIMENTO (RE)CONHECIDO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Lino CASTELLANI FILHO*

... Ao professor de Educação Física compete, pois (e não há exagero algum nesta afirmativa) dirigir e orientar os exercícios de modo que influam energica e eficazmente sobre cada organismo, ordená-los em série gradual, harmonizá-los com o período de evolução orgânica, inculcando o prazer ou, ao menos, evitando o tédio, e constatar, enfim, pelos processos vários de mensurações corporais, os resultados de seu ensino, fazer, em uma palavra, o registro dos benefícios que provieram dos exercícios, e dos inconvenientes que determinaram... (Fernando de Azevedo, "O papel do professor moderno de Educação Física" In: "Da Educação Física" 1920)

Sim. Temos o que ensinar, e embora seja velha conhecida entre nós a afirmação - dita em tom de galhofa mas, como toda piada, com uma pitada de verdade - de que a grande revolução ainda por ocorrer na Educação Física Escolar brasileira, traduzir-se-ia no simples fato de se dar aula, não receamos afirmar que não só temos o que ensinar como, ao longo desse século, vimos ensinando.

Isso porém, longe de dar por respondida a questão que dá título a este II Seminário, abre as portas para a reflexão acerca do debate que, já há alguns anos vem, num crescendo, ocupando as atenções de parcela dos profissionais que tem na Educação Física Escolar, seu horizonte de estudo.

Queremos encaminhar esta reflexão na perspectiva sugerida pelo título que contrapomos ao enunciado pelo evento. "Considerações acerca do conhecimento (Re)conhecido pela Educação Física Escolar" sugere darmos trato às questões:

- O que a Educação Física e seus profissionais reconhecem como conhecimento a ser conhecido
- O que a Educação Física e seus profissionais conhecem, e
- O que a Educação Física e seus profissionais precisam reconhecer como conhecimento a ser conhecido.

Não enfatizaremos a discussão sobre a seleção, organização e sistematização do conhecimento da Educação Física Escolar, no que tange à questão da metodologia do ensino propriamente dita, não porque a consideramos de menor importância, mas sim porque - nos limites próprios a este artigo - desejamos ser fiéis ao tema orientador do Seminário, que nos questiona sobre se temos ou não o que ensinar.

Extraindo-se algumas expressões que caíram em desuso, a citação que acima reproduzimos de um artigo dos anos 20 de Fernando de Azevedo, traz em si semelhanças com o entendimento - ainda hoje presente na Educação Física brasileira, que extrapolam quaisquer possibilidades de serem vistas como meras coincidências. Isto porque - como já tivemos oportunidade de frisar em algumas outras oportunidades, a Educação Física brasileira vê-se hegemonicamente vinculada ao eixo paradigmático da aptidão física.¹

Mais recentemente, no artigo "Pelos Meandros da Educação Física", assim nos referimos ao assunto:

... Vinculada, portanto, a políticas governamentais elaboradas sob a ética funcionalista, a Educação Física primou por enfatizar sua ação pedagógica em procedimentos que buscavam

* Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

garantir-lhe eficácia no alcance de seus objetivos. Com efeito, se a melhoria da aptidão física era o que, em última instância, justificava a sua presença na escola, nada mais coerente do que buscar estabelecer parâmetros para a sua ação pedagógica a partir de critérios oriundos da Fisiologia do Exercício. Foi nela apoiada que se definiu os padrões de referência para as aulas de Educação Física: Três sessões semanais, distribuídas em dias intercalados, com cinquenta minutos de duração, compostas por turmas de alunos do mesmo sexo e constituídas a partir de dados das suas idades biológicas, encontram-se implícita ou explicitamente citadas no decreto no. 69.450/71, que regulamenta a Educação Física nos três níveis de escolarização...²

Fica-nos evidente denotarmos dessas normatizações - ratificadas quatro anos mais tarde pela Lei de Diretrizes e Base do Desporto Nacional (Lei no. 6.251) que em seu artigo 5o., ao tratar dos objetivos da Educação Física e do Esporte no Brasil, refere-se em seu inciso I ao "Aprimoramento da APTIDÃO FÍSICA da POPULAÇÃO brasileira - as inferências de tal compreensão naquilo que deveria ser conhecido pelos profissionais da Educação Física, como também do como tal conhecimento deveria ser por eles reconhecido. Sim, porque se é a APTIDÃO FÍSICA aquilo que deveria ser buscado pela Educação Física em sua ação pedagógica, os conteúdos a ela inerentes - Esporte, Dança, Jogos, Ginástica...- deveriam ser compreendidos e assimilados de forma que fosse garantido o alcance do seu objetivo último.

...São as atribuições que todos os entendidos lhes demarcam (a eles, professores de Educação Física). Mas como realizar estas atribuições amplíssimas que lhes são impostas, sem conhecer os órgãos do movimento, a fisiologia do trabalho muscular, os seus efeitos sobre a circulação, respiração e sistema nervoso, e a necessidade de um método progressivo que possa evitar o mais possível a fadiga e fornecer-lhe a base para a apreciação dos diferentes sistemas de educação individual e coletiva? ... (Fernando de Azevedo, "O papel do professor moderno de Educação Física". In: "Da Educação Física", 1920).

De novo a contemporaneidade das palavras de Fernando de Azevedo nos toma de assalto. É no universo por ele mencionado, há mais de meio século atrás, que vem se localizando o conhecimento reconhecido pela Educação Física e por seus profissionais, como aquele necessário de ser apropriado de forma a garantir-lhes a consecução de seus propósitos. Em outras palavras, é no âmbito das ciências biológicas que os profissionais da área vêm buscando o saber necessário às suas ações pedagógicas.

Pois é assim que, ainda hoje, os especialistas em Educação Física são informados - e formados - sobre o rol de conhecimentos orientadores de suas práticas. Se é a APTIDÃO FÍSICA que justifica a Educação Física na escola, é o conhecimento que possa vir garantir a sua consecução que, privilegiadamente - não exclusivamente - vem ocupando lugar no processo de formação profissional, porque o que vem orientando a formação de seus especialistas, nos mais de uma centena de centros de ensino superior dispersos por este país, é a visão hegemônica de uma Educação Física que fundamenta sua prática na ética do eixo paradigmático tão enfaticamente aqui mencionado, vinculando-a a caracteres inerentes à - que entende ser sua - função higiênica e eugênica, acoplada à idéia do rendimento físico/esportivo, malgrado as mudanças havidas na organização social do trabalho em nossa sociedade, motivadas-dentre outras razões-pelo processo de automação da força de trabalho que levou à secundarização da busca do corpo produtivo e ao deslocamento do foco das atenções sobre o corpo, do momento de produção para o de consumo, matizando dessa forma, os corpos mercador/mercadoria e consumidor ³.

Muitas e variadas seriam as maneiras pelas quais poderíamos exemplificar o até aqui aludido. No entanto, optamos por fazê-lo através do Esporte e, em particular, do Futebol, enquanto manifestação cultural corporal de natureza esportiva, para "trocarmos em miúdo" o até aqui discutido.

Por que um exemplo via Esporte? Porque a constatada "esportivização"⁴ da Educação Física escolar tem trazido como consequência, o fortalecimento de posturas equivocadas, que acabam por desconsiderar o Esporte como conteúdo da Educação Física escolar. Não atentam-os responsáveis por tais posturas para o fato de que a "Desesportivização" da Educação Física escolar tem que ser compreendida como uma crítica à mentalidade esportiva prevalecente na Escola, responsável por concebê-la como uma instituição privilegiada para servir de *locus* aos objetivos próprios à instituição esportiva (em última instância, a otimização do rendimento físico-esportivo), e não como uma crítica ao Esporte, prática social - portanto construção histórica - que, dada a significância com que marca a sua presença no mundo contemporâneo, caracteriza-se como um dos seus mais relevantes fenômenos sócio culturais.

E por que o Futebol? Porque em nome do combate à pseudo monocultura esportiva do brasileiro-nele centrada vem-se sonhando na Escola o acesso do aluno ao conhecimento afeto ao futebol, desconsiderando-o em sua qualidade de responsável pela afirmação da identidade cultural corporal esportiva do brasileiro.

Notem que nos referimos ao Esporte em geral e ao futebol em particular, enquanto Conhecimentos. Mas de que forma os profissionais da Educação Física-e a sociedade brasileira em seu conjunto vem caracterizando aquilo que poderíamos nominar de conhecimento esportivo e futebolístico?. Vejamos... Passa agora diante de nossos olhos, a experiência que vivenciamos na disciplina "Futebol" nesta mesma casa onde nos encontramos. Recordamo-nos da dedicação, com que nos debruçávamos sobre o "conduzir a bola em batimentos alternados" sem deixá-la fugir ao nosso controle, o mesmo repetindo-se com a cabeça, coxa...percorrendo distâncias estimadas em 25/30 metros. Lembramo-nos ainda das tantas e quantas vezes executamos o ato de lançar a bola para o alto com os pés, partindo dela descansada no chão, com o intuito de "abafá-la" com o peito-de-pé, buscando impedi-la de quicar ...E em quantas outras ocasiões não conduzimos a bola, não realizamos fintas, dribles, arremates ao gol, chutando das mais distintas formas possíveis?.

Sim, durante dois dos três anos que terminalizavam o curso naquela época, estas foram práticas rotineiras, mesmo porque éramos - ao final- avaliados predominantemente no nosso saber fazer. Quanto às avaliações teóricas, circunscreviam-se elas às perguntas relacionadas às regras do jogo, às suas formulações técnicas e táticas, extrapolando às vezes, para outras que nos arguiam sobre seqüências pedagógicas para o desenvolver do aprendizado do "Jogar futebol"

Tudo isso nos era enormemente prazeroso pois, tanto quanto hoje, tínhamos pelo futebol um fascínio apaixonado!

Porém, por mais gostosamente que nos envolvêssemos com aquelas aulas, nos sentíamos incomodados com o fato de - passados dois anos "estudando" Futebol, não sabermos responder do porquê era comum vermos em maternidades, uma chuteirinha pendurada nos quartos das mães que tinham dado à luz, meninos. Sim, meninos, pois as meninas não tinham acesso ao mundo do futebol!

De outra forma, queríamos saber - e não tínhamos apreendido conhecimento que nos levasse a conhecer - como se constituía a identidade cultural corporal esportiva de um Povo. Porque era o Brasil, na expressão de Nelson Rodrigues, a "pátria das chuteiras" e não a pátria das raquetes de tênis, das bolas de vôlei, de basquete, dos pés-de-pato...

...Por que nunca nos tinham chamado a atenção para a plasticidade do gesto esportivo no futebol, seu sentido estético...já repararam na beleza de uma "matada de bola" no peito, de uma "bicicleta" de um "peixinho"? Por que ainda não nos tinham levado conhecer a característica ímpar do jogador de futebol que, por conta da "lei do passe" configura-se ainda hoje, mesmo com a "Lei Zico do Esporte" em vigor, como trabalhador que não possui a propriedade sobre sua própria força de trabalho, sendo talvez mais pertinente referirmo-nos a ele como "escravo da bola"?

Em 1985, em um artigo denominado "o Fenômeno Cultural chamado Futebol: Uma proposta de Estudo", levantamos algumas perguntas cujas respostas vão ao encontro do entendimento de que para nos dizermos possuidores de conhecimento sobre determinada modalidade esportiva, não é suficiente dominarmos apenas o saber prático de seus gestos técnicos, ou a lógica do jogo em si mesma, pois temos claro que estes são apenas dois de seus elementos constitutivos. Perguntávamos, então, a certa altura daquele Estudo:

...Que segredo é esse do Futebol que faz com que 130 milhões de brasileiros - uns vítimas da seca do nordeste, outros das enchentes do sul, a maioria vítima de um sistema que deles suga toda a vontade de resistir - de repente, como que tocados por uma varinha mágica, por um feitiço coletivo, permaneçam durante noventa minutos presos à magia de 22 homens (ou deuses?) dentro de um campo de futebol? Que encantamento é esse do Futebol que faz surgir de todas as esquinas do país, das palafitas cobertas de folhas de babaçu às suntuosas residências dos coronéis, a mesma emoção, o mesmo sofrimento, a mesma alegria contagiante no instante do gol, como que se aquele momento supremo do jogo de bola fosse capaz de anular as diferenças sociais? Que mistério é esse do Futebol que faz surgir do orçamento deficitário do povo, uma inesperada reserva para o deslocamento até os grandes Estádios (...),

para a compra de rojões, panos e tinta para as faixas visando a saudação de seus ídolos e para a leitura de toda a gama de jornais e revistas, especializadas ou não, pois todas reportam-se a ele, Futebol? Que fenômeno é esse do Futebol, capaz de viabilizar a união de todos (ainda que circunstancial e provisoriamente) em torno de um ideal comum - como por ocasião dos Campeonatos Mundiais - aproximando os extremos e congregar todas as correntes de pensamento, união esta por demais tentada e poucas vezes alcançada em outros momentos da vida nacional? (...) serão as respostas a essas perguntas a demonstração de estar no Futebol, uma espécie de reafirmação do espírito brasileiro, de sublimação dos seus problemas, da sua capacidade de luta e de seu desejo de marcar a sua posição no cenário internacional? Quais serão seus verdadeiros valores? O que o faz despertar tantas paixões? Qual a razão de sua tamanha identificação com o brasileiro?...

Bem...mas essa nossa experiência se deu há vinte anos atrás (Ufa!). Hoje, as alunas em muitos desses cursos já participam das aulas de futebol e certamente o conhecimento reconhecido nos cursos superiores de Educação Física vinculados ao Esporte e ao futebol, não se limita àqueles aqui lembrados, certo? Nem tanto. Continuamos afirmando que a maioria absoluta das Escolas de Educação Física ainda não incorporaram à bibliografia da "matéria" Futebol, o clássico de Mário Filho ("O negro no futebol brasileiro"), a "História política do Futebol brasileiro" (Joel Rufino dos Santos), a Dissertação de Mestrado do prof. Antonio Jorge Gonçalves Soares ("Malandragem no Gramado: o declínio de uma identidade", Gama Filho, 1990) que não merece o mesmo destino da maioria da "produção acadêmica" de nossos Mestrados/Doutorados, qual seja, as gavetas das secretarias das "Pós" ou as estantes empoeiradas das bibliotecas - normalmente só daquela da instituição onde se deu a defesa

- onde podemos encontrar, por ex. "os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo" (Benedito T. Cesar, IFCH, UNICAMP, 1981), isso sem falarmos do recentíssimo "À sombra das chuteiras imortais" coletânea de crônicas de futebol do escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues...

Queremos afirmar com isso que talvez a grande mudança ocorrida esteja no fato de hoje as alunas já poderem compartilhar com seus colegas, a miséria intelectual das aulas de Futebol que continuam - e as exceções confirmam a regra - não dando conta de o estudarem a partir do instrumental teórico das ciências humanas, pressuposto básico para reconhecê-lo enquanto prática social e fenômeno sociocultural. Enquanto isso, a "chuteirinha" continua nas portas das maternidades, guardando em si suas "misteriosas" razões...

Mas... e lá fora, na "sociedade", qual o conhecimento reconhecido como necessário de ser conhecido para se dizer *expert* no assunto? a Folha de São Paulo nos ajuda a responder esta questão.

Em matéria alusiva à Bienal do Livro de São Paulo, realizada em 1992, datada de 7 de setembro daquele ano, afirma o articulista Marcos Malafaia que "... o total de livros esportivos não chega a cem - menos de 0,1% do universo apresentado..." E continua ele: "Apesar da ausência do produto, não falta consumidor (...) os mais procurados são os sobre Kung-Fu, principalmente para crianças e adolescentes (...) os que vendem mais são 'Os segredos do Ninja' e 'Ninja, os segredos da invisibilidade!'" Outras modalidades procuradas são o futebol, voleibol e handebol. Na maioria, os livros sobre esses esportes se prendem a explicações de regras e táticas básicas.

Não há um livro se quer que aponte inovações ou analise a estrutura das modalidades no país ou no exterior..." Em "caixa". o mesmo articulista - sob o título "Leitor busca a boa forma" - afirma que

um dos raros tesouros esportivos mais visitados na Bienal tem sido a prateleira de títulos referentes à Educação Física, no estande da Editora Record. No cardápio, alguns livros pouco aprofundados tecnicamente, mas de muito apelo, como "30 dias para perder a barriga" "Cinco minutos por dia para manter-se em forma" ou "Programa de preparo físico do corpo de fuzileiros navais dos EUA, para homens e mulheres"

Essas publicações afirma, concluindo - tem ótimo ritmo de vendas.⁶

Ainda abarcando o Esporte, a Folha de São Paulo trouxe mais recentemente (11/10/93), matéria assinada por Tereza Cristina Gonçalves sobre "A função do Esporte na criança"⁷ Num quadro explicativo, elenca os objetivos do Esporte em geral e para cada faixa etária em particular, a função dos técnicos, o papel dos pais, inclusive durante as competições, e as desvantagens da Especialização precoce:

...

O quadro é significativo no que tem de ratificador daquilo que vimos afirmando: o Esporte:

1. em nenhum momento é visto como passível de ser apreendido (apreender, no sentido de constatar, demonstrar, compreender e explicar) pela criança enquanto prática social constitutiva de sua cultura corporal; e

2. as funções atribuídas à prática esportiva trazem inferências sobre o conhecimento que se reconhece deva ser conhecido pelo profissional para o desenvolver de suas atribuições, restringindo-o ao campo das ciências médicas.

No referente ao Futebol, a Folha de São Paulo nos contemplou, por ocasião da Copa do Mundo de 90, com uma reportagem assinada por Flávio Gomes, intitulada "brasileiro entende pouco de futebol diz pesquisa"⁸. Afirma o articulista num certo momento, que "...numa hipotética prova de futebol, a população de São Paulo passaria de ano raspando, com nota 5,1. Os que garantem que se interessam muito pelo Esporte ficariam com a nota 5,6. Os que se interessam um pouco estariam reprovados com 3,8. Aqueles que não estão nem aí para a bola, ficariam com 2,3.

Quais as questões desse teste de conhecimento sobre Futebol? Aí vão elas.

Como podemos ver, o conhecimento reconhecido como aquele necessário de ser conhecido para nos dizermos conhecedores do Futebol, pela sua limitação, acaba desrespeitando aquilo que diz querer valorizar, qual seja, o próprio Futebol, por não dar conta de aquilatar o seu sentido /significado na cultura corporal esportiva do brasileiro.

Não se trata - e é bom que não paire dúvidas - de negar o conhecimento circunscrito ao saber jogar e ao saber ensinar a jogar na composição do acervo daquilo que deve ser conhecido pelos profissionais da área. O que defendemos é a ampliação desse acervo, motivados pelo entendimento da imperiosa necessidade e importância de nos instrumentalizarmos para podermos vir a tratar o Esporte (e, no caso que nos serviu de exemplo, o Futebol) enquanto prática social, redimensionando, assim, o universo daquilo que compreendemos deva ser reconhecido na área como passível de ser conhecido por seus especialistas.

Portanto... sim, temos o que ensinar. E vimos ensinando. Porém, como buscamos explicar nesse espaço, para que esse ensinar extrapole os limites mencionados, precisamos, mais do que depressa, redimensionar o espectro do conhecimento a ser (Re)conhecido pelos profissionais da área, de modo a garantir que a Cultura Corporal do brasileiro seja apreendida - no sentido aqui já explicitado - enquanto dimensão significativa da sua realidade social complexa.

TESTE DE CONHECIMENTO SOBRE FUTEBOL

Questões	Respostas	Taxas de acerto em %	Grau de interesse por futebol		
			Muito	Pouco	Nenhum
1. Cuspir no jogador adversário é falta	certo	73	78	76	66
2. O arremesso lateral é cobrado com as mãos	certo	62	85	66	9
3. O pênalti deve ser sempre cobrado pelo capitão do time	errado	57	74	60	41
4. A Argentina foi campeã na última Copa	certo	57	71	53	49
5. O Brasil é o único tricampeão do mundo	errado	51	62	54	36
6. Cada time só pode substituir dois jogadores por partida	certo	51	59	52	42
7. Os campos de futebol são todos do mesmo tamanho	errado	42	55	41	35
8. Cada jogador só pode cometer cinco faltas na mesma partida	errado	39	60	37	25
9. Se o goleiro tocar a bola com os pés fora da área é falta	errado	39	50	39	28
10. Gol olímpico é aquele feito com chute antes do meio-campo	errado	37	56	38	23

BRASIL É O FAVORITO

Na sua opinião, qual seleção tem mais chances de ganhar a Copa da Itália.

Seleção	Total (em %)
Brasil	51
Itália	17
Alemanha	3
Inglaterra	2
Argentina	1
Outros	4
Não sabe	22

TRABALHO DE LAZARONI TEM BOA ACEITAÇÃO

Como você avalia o trabalho de Sebastião Lazaroni como técnico da seleção?

Total em %	Avaliação	Idade		
		16 a 25 anos	26 a 40 anos	Mais de 40 anos
45	Ótimo/bom	52	39	45
35	Regular	33	40	31
8	Ruim/péssimo	7	8	8
12	Não sabe	8	13	16

CARECA É O MELHOR DA SELEÇÃO

Jogador	Total (em %)
Careca	30
Bebeto	7
Taffarel	5
Romário	5
Dunga	4
Muller	4
Alemão	3
Outros	10
Não sabe	32

Fonte: Folha de São Paulo, 4 de junho de 1990.

A FUNÇÃO DO ESPORTE NA CRIANÇA

- ◆ Proporcionar um desenvolvimento físico e mental harmonioso
- ◆ Desenvolver com as atividades esportivas:
 - sociabilidade
 - espírito de equipe
 - respeito por regras e companheiros
 - gosto pelo esporte

OBJETIVOS PARA CADA IDADE

5 a 7 anos:

- ◆ deve-se estimular a participação e evitar a competição. Nessa idade o esporte serve para:
- desenvolver formação física de base
- trabalhar coordenação, equilíbrio, força, agilidade, velocidade e ritmo
- criar noção de espaço

7 a 8 anos:

- ◆ é a idade adequada para aprendizado dos movimentos específicos de cada esporte
- ◆ continuar trabalho de formação física
- ◆ desenvolver senso de grupo

9 a 11 anos:

- ◆ aprimoramento técnico dos movimentos
- ◆ realizar atividades de maior vigor e dificuldade
- ◆ iniciar comparação de desempenho com outros colegas
- ◆ preparado para competir, mas sempre enfatizando o esforço e não o resultado

12 anos em diante:

- ◆ o adolescente está preparado para especialização no esporte escolhido

A FUNÇÃO DOS TÉCNICOS

- ◆ ensinar que o sucesso é relacionado ao esforço e não a perder ou vencer
- ◆ estimular positivamente
- ◆ reconhecer as habilidades
- ◆ reduzir críticas

O PAPEL DOS PAIS

- ◆ participar ativamente das atividades esportivas
- ◆ reconhecer que são crianças e não “adultos em miniatura”
- ◆ valorizar a participação e divertimento da prática esportiva

Durante as competições:

- sentar na área dos expectadores
- não gritar instruções ou fazer críticas aos filhos
- não fazer comentários depreciativos a jogadores, pais da equipe oponente, juízes ou organizadores da competição
- não dar “palpite” ao técnico

DESVANTAGENS DA “ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE”

- não desenvolver todas as qualidades físicas. Desenvolvimento privilegiado de certos grupos musculares: futebol, por exemplo, utiliza muito mais pernas que braços.

- expectativa aumentada em relação à melhora de desempenho: como treina apenas um esporte, acredita poder melhorar a cada dia
- sem chance de experimentar as várias modalidades antes da escolha definitiva
- a opção pelo esporte acaba não levando em conta as aptidões e limitações específicas de cada criança, mas o gosto dos pais ou esporte mais em destaque no momento

Fonte: Folha de São Paulo, 11 de outubro de 1993.

NOTAS

1. Desde a "Educação Física no Brasil: A história que não se conta" (Campinas, Papirus, 1988), hoje caminhando para sua 4a. edição, até o "Pelos Meandros da Educação Física" publicado pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte em número alusivo ao VIII CONBRACE Belém, Pa, 1993, passando pelo "Diretrizes Gerais para o Ensino de 2o. Grau, Núcleo comum. Educação Física" (SESC/MEC PUC/SP, 1988) e pela produção em 12 mãos do "Metodologia do Ensino de Educação Física" (Coletivo de autores, São Paulo, Cortez, 1992), vimos desenvolvendo estudos que tratam da problemática da Educação Física Escolar relacionada com a questão da APTIDÃO FÍSICA enquanto eixo paradigmático norteador das ações a ela concernentes.
2. cf. Lino Castellani Filho, Pelos Meandros da Educação Física, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.14, n.3, p.120, 1993.
3. Ibid, p.121/2
4. Reporto-me detalhadamente à questão da "esportivização" da Educação Física Escolar no artigo "Pelos Meandros da Educação Física, já mencionado neste espaço.
5. Cf. Lino Castellani Filho, O Fenômeno Cultural chamado Futebol: uma proposta de estudo, **Revista Artus**, v.8, n.15, p.6, 1985.
6. Livros sobre esportes são raros nos estandes. Leitor busca a boa forma, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 set. 1992. Caderno Esporte, p.5-4.
7. A Função do Esporte na Criança, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 out. 1993. Caderno Saúde, p.34.
8. Brasileiro entende pouco de futebol, diz pesquisa, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 jun. 1990. Caderno Especial Guia da Copa, p.23.